

O Brasil tem que prestar mais atenção na Caatinga

Categories : [Colunistas Convidados](#)

"Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes... Na plenitude das secas são positivamente o deserto... Ao sobrevir das chuvas, a terra, como vimos, transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior. Os vales secos fazem-se rios. Insulam-se os cómoros escalvados, repentinamente verdejantes. A vegetação recama de flores... Da extrema aridez à exuberância extrema..."

Euclides da Cunha (1866-1909), em "Os Sertões", ao se referir aos contrastes da Caatinga nas estações seca e chuvosa.

Como reconhecido por Euclides da Cunha, na obra que alguns consideram um dos maiores clássicos da literatura brasileira, contraste parece ser a palavra-chave na Caatinga. Estes contrastes se manifestam de várias formas, tal quando comparamos a imagem que o brasileiro médio não morador deste ambiente tem da Caatinga e o que ela realmente é. No imaginário, um quase deserto, esturricado e pobre em todos os sentidos, inclusive em vida.

Na realidade, a Caatinga é um mosaico de ambientes que se mostram ricos e únicos. E é este plural que faz com que estes ambientes tenham a maior biodiversidade entre as florestas secas do planeta. Em fisionomias vegetais, que vão desde arbustos espinhosos até florestas sazonalmente secas, já foram registradas ao menos 932 espécies de plantas vasculares, 187 de abelhas, 240 de peixes, 167 de répteis e anfíbios, 62 famílias e 510 espécies de aves, e 148 espécies de mamíferos. Mesmo assim, a Caatinga é o bioma terrestre brasileiro menos conhecido, e seu número real de espécies é provavelmente muito maior, uma vez que cerca de 40% da região nunca foram investigados e 80% permanecem subamostrados. Ou seja, sob o ponto de vista científico, muitas descobertas estão por vir.

Mas será que elas realmente virão? Isso depende de vários fatores ligados às políticas públicas que vão desde a valorização de seus recursos naturais até o envolvimento da massa crítica acadêmica.

Podemos discutir se descrever esta biodiversidade e desenvolver tecnologias para o seu aproveitamento sustentável vai sair caro ou barato, mas é fato que terá um custo financeiro. Infelizmente, ao contrário do que pode parecer, recursos para a pesquisa no país não são abundantes, e a disputa é cada vez mais acirrada. O Nordeste brasileiro ainda paga o preço do

atraso socioeconômico experimentado por décadas com consequências severas para a capacidade científica instalada na região. E dentro do Nordeste, a [Caatinga](#) ainda está no final da fila. Só recentemente foram abertas novas universidades públicas no sertão com alguma vocação para pesquisa, o que não tem sido suficiente para competir em igualdade de condições pelos escassos recursos para a pesquisa com grupos de pesquisadores já bem consolidados em outras regiões brasileiras.

Cadê a pesquisa?